



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Prefácio à 1ª. edição - Trouxeste a chave?

João Wanderley Geraldi

Como citar: GERALDI, J. W. Prefácio à 1ª. edição - Trouxeste a chave? *In:* MAGNANI, M. R. M. (org.). **Em sobressaltos: formação de professora.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 21-24.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-034-4.p21-24>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

PREFÁCIO À 1ª. EDIÇÃO

TROUXESTE A CHAVE?

Há uma história ou muitas histórias entrecruzadas que, quase sempre silenciadas, acompanham a construção solitária de um texto. E essas muitas histórias dão ao texto ancoragens que se perdem na memória, ora porque ela não é sempre tão solícita, ora porque, nas diferentes trajetórias de leitura de cada texto, as âncoras que o fundam nem sempre são compartilhadas e por isso mesmo essas histórias de leituras darão ao texto fundamentos outros, aportados pelo leitor.

Em consequência, antepor ao texto outro texto que lhe sirva de prefácio é expor-se a riscos. O primeiro deles, inescapável, porque próprio do acontecimento de sua enunciação, é o de tentar revelar suas chaves de leitura. O segundo, agonia maior, é fornecer a outros leitores pistas inadequadas ou chaves de entrada que, cristalizadas, abram apenas um caminho de leitura, quando o próprio texto, por sua natureza, contém sinuosas possibilidades. O terceiro, ainda tormento, é circundar o texto que se apresenta com névoas que lhe seguem (ou ceguem) os esforços do autor em se fazer transparente com esse “imperfeito instrumento”, opaco, que é a linguagem.

Corro os riscos todos... para ressaltar alguns dos motivos que me parecem indicar a leitura de mais este livro de Maria do Rosario Mortatti Magnani.

Antes de mais nada, trata-se de trabalho que tem sua origem na tese de doutoramento da autora¹, submetida à apreciação de uma banca exa-

¹ Tese defendida na Faculdade de Educação da Unicamp, em 27/9/91. Na qualidade de orientador, tive o prazer de conviver com a autora alguns dos sobressaltos de suas descobertas e algumas das tensões vividas na redação e na escuta das leituras do trabalho

minadora. E aí uma primeira ancoragem: diferentemente dos textos que circulam para as finalidades de obtenção de títulos acadêmicos — textos geralmente desvestidos de suas histórias — esta “tese” expõe sua própria tese: o sujeito se forma no processo de seu trabalho, movido por utopias e sobressaltado pelas contingências.

Pelo menos duas foram as fontes de provocação para a autora: as constantes afirmações de que a sua é uma geração sem história — não viveu o populismo pré-ditadura, não viveu 1968; ao contrário, inserida à força “no quadro das tranquilidades que o ajuste social confere”, ajuste imposto *manu militari* na história brasileira, é uma geração que assume uma função social e nela tenta encontrar razões que possam mobilizar seus desejos (há desejos?). A segunda provocação vem de Haquira Osakabe, autor-musa invocado: se há uma tendência cristalizadora da linguagem, condição inevitável da própria interlocução, os acontecimentos singulares e precários desta tensionam a estabilidade, reivindicando rupturas. “Menos do que uma decorrência ‘natural’, a reivindicação da ruptura funda um princípio de sobrevivência: a vida formulada em sobressaltos.”

A autora se propõe, então, o seguinte problema: como formular e compreender a história de formação de uma geração (de professores de Português), buscando apreender na constituição desses sujeitos — incompletudes por definição — as preciedades e singularidades que deslocam os discursos explicativos já formulados, para dar espaço à expressão informada dos sobressaltos daqueles que não se ajustam ao quadro das tranquilidades fornecidas pelo sistema social?

O que o leitor encontrará neste livro é uma tentativa de resposta. Resposta construída e reconstruída através do contraponto entre um discurso explicativo já formulado a respeito do problema da formação de professores e um outro discurso que se vai produzindo na reflexão sobre uma experiência determinada, numa época determinada. Resposta que apela para a memória, que se expõe ao longo da história — retomada e revivida — de MR, uma professora de português que, menina, entregou ouro para o bem do Brasil, e, adulta, constata a irrealização do sonho de ser bailarina! E bailarina vai, aqui, como símbolo das utopias que foi aprendendo a conhecer, formular e tentar viver; como símbolo da quase sempre perversa relação entre possibilidade e liberdade.

Na “Proposição”, a autora discute as alternativas de explicação, em curso nas últimas décadas, para o problema da formação de professores, apontando a necessidade de se produzirem outras categorias para análise da questão. Com a intermediação dos autores-musas invocados, em que felizmente se misturam ficcionistas e cientistas, somos convidados a acompanhar MR ao longo de sua formação intelectual — escolar e profissional — desde o Grupo Escolar até o exercício do metamagistério. No “Epílogo”, autora e personagem dialogam sobre os próprios dilemas enfrentados para contar esta história.

Ao escolher este caminho, respondeu à necessidade de preservar o singular. Preservando o singular, permitiu ao leitor encontrar-se na história coletiva que enformou as possibilidades de pensar, sentir, querer e agir da personagem, a qual pode ser vista, assim, como outro símbolo. Em MR espelha-se ou pode espelhar-se o leitor, através das recorrências comuns que fizeram a história do ensino de Português nas últimas décadas brasileiras.

Para o leitor mais pragmático, a autora oferece um caminho possível para o ensino de língua e literatura no 1º. e 2º. graus de ensino. Para o leitor pragmático, mas desconfiado, a certeza de que não encontrará nesse caminho a tranquilidade do preestabelecido que lhe permita estancar os sobressaltos, mas os princípios de um ensino de produção de conhecimento que se fulcra como evento, faz-se no tempo, pleno de pulsações, e instaura o sujeito e sua insolúvel incompletude no processo de ensino-aprendizagem. Sabe-se que o sistema social há muito vem expurgando esse sujeito da escola, porque a escola é avessa a qualquer inconclusibilidade, a qualquer insolubilidade. Aceitá-las seria desvelar suas próprias frinchas, e a estrutura se quer parecer fechada para poder parecer todo-poderosa, negar o fortuito, o contingente e sujeitar a todos à estereotipia da identidade social pré-formulada.

Para defender o ponto de vista de que a formação se dá no tempo e de que, no tempo, nos constituímos pelo trabalho, movidos por utopias e sobressaltados pelas contingências, a autora, munida de lentes poderosas, vasculha, na história do vivido, momentos de síntese — “configurações saturadas de tensões” — que permitam elevar a experiência a sua compreensão histórica.

Cada leitor poderá identificar neste livro diferentes momentos constituidores da experiência e sua compreensão, ou negar validade a qualquer deles, mas nenhum leitor — e esta é a arte da autora — sairá ileso da leitura de um texto que pretendeu extrair do turbilhão do vivido uma compreensão do viver. Quando se quer desburocratizar a vida, correm-se sempre os riscos incontornáveis dos sobressaltos, e somente esses riscos poderão desenhar uma história que não se dilua na estereotipia, a qual nos coloca à disposição as regras de um mal viver de antemão moldado e fixo, acabando por transformar o trabalho em tarefa e a festa da vida em mera comemoração do não vivido.

Campinas, março de 1993

JOÃO WANDERLEY GERALDI
IEL/Unicamp